

ANÁLISE SOCIOECONÔMICA DO PROCESSO DE MECANIZAÇÃO DA COLHEITA DA CANA NA REGIÃO DE JABOTICABAL-SP

William Sbrama Perressim; Ana Paula Leivar Bracaleoni; Ana Claudia Giannini Borges – Administração – Departamento de Economia Rural - Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - Campus de Jaboticabal.

O setor sucroalcooleiro apresenta importante papel na economia brasileira, sendo representativo no PIB, na criação de postos de trabalho e na pauta de exportação. Nota-se um claro e acentuado crescimento do setor no país, liderando as exportações de açúcar e álcool. Este setor ganha maior destaque com a busca, desde a década de 70, por novas fontes de energia alternativas ao petróleo. Assim, este passa a ter uma relevância estratégica, sendo entendido não mais apenas como um setor do agronegócio, mas como parte do setor energético. As flutuações constantes do preço petróleo e o conhecimento do fim desse recurso natural tornam mais intensas as demandas nacionais e internacionais por álcool, corroboradas pelas suas vantagens comparativas e competitivas. O crescimento da demanda por este produto e, portanto, do setor pode ser verificado pelo projeto de expansão setorial através da criação de novas unidades produtoras no país. Estima-se que, até a safra de 2010/2011, a demanda pelo álcool combustível brasileiro vai crescer 82%, que será viabilizada pela construção de aproximadamente 73 novas usinas. O estado de São Paulo é considerado o maior produtor da federação, o que justifica, parcialmente, o destino da maior parte dos novos projetos que compreendem 30 novas unidades produtoras. Na safra 2005/2006, a produção brasileira de álcool foi de 14.341.43 metros cúbicos de volume, dos quais 9.951.710 metros cúbicos corresponderam à produção paulista (dados de quem, ano). Outro produto de relevância para este setor é o açúcar, que tem grande representatividade para a pauta de exportação em diferentes momentos da história brasileira. A produção de açúcar, safra 2005/2006, foi de 25.834.486 toneladas, dos quais 16.762.358 toneladas foram do estado de São Paulo. Dados que confirmam a importância do estado de São Paulo no setor. Há outros dados que comprovam a relevância do setor, como: o montante de recursos movimentados por ele, equivalente a 40 bilhões reais por ano; a geração de 1 milhão de empregos (diretos e indiretos); o montante de recursos direcionados a efetivação de investimentos e de desenvolvimento de tecnologia e pesquisa direcionados a toda a cadeia. Um dos investimentos, que merece destaque, é a implantação da colheita mecânica da cana. A mecanização do corte visa proporcionar maior eficácia na atividade, gerando menor custo e maior produtividade. Além de ser uma alternativa direta para o enquadramento legal do setor nas determinações do Ministério Público que exige o fim da queima da cana no processo de colheita. Legalmente o prazo previsto para proibição definitiva da queima da cana é o ano 2021. Um dos indícios da tendência à mecanização é o aumento da aquisição de máquinas, nos anos de 2003 foram comercializadas 60, em 2005 140 e em 2006 a previsão está entre 250 a 300 máquinas. Vale salientar que o custo de uma máquina é de 650 a 900 mil reais. A que se considerar que a mudança do corte manual para o mecanizado gera como consequência o fim de um grande número de postos de trabalho. É importante apontar que grande parte desses trabalhadores não consegue uma recolocação no mercado. Diante deste quadro, o presente trabalho visa analisar os impactos socioeconômicos do processo de mecanização no corte da cana na região de Jaboticabal-SP.

Trata-se de um estudo dentro de uma abordagem qualitativa, que tem como instrumento de coleta de dados a análise documental. O recorte da pesquisa considera por região de Jaboticabal a base territorial do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, composta pelas seguintes cidades: Jaboticabal, Vista Alegre, Taiaçu, Piranji, Monte Alto e Taiúva.

Esta região, segundo dados deste Sindicato, apresenta hoje cerca de 2.000 trabalhadores empregados no corte da cana, 4 unidades produtoras, sendo 3 usinas de açúcar e álcool e uma destilaria.

Dentre os dados coletados constata-se que: a média de salário desses trabalhadores varia de 700 a 950 reais. A maioria dos trabalhadores reside na região, diferente de um contexto anterior em que o migrante temporário era predominante. Estima-se que a mecanização já tenha

excluído cerca de 3000 a 4000 postos apenas na região. Dados técnicos apontam que uma máquina pode substituir cerca de 80 a 100 trabalhadores.

No ano de 2001, a região aparece como a terceira no estado em área mecanizada com 32%, atrás apenas da região de Ribeirão Preto com 52% e Jaú com 42%. Em 2006, dados próprio Sindicato, indicam uma tendência de 60% de colheita mecânica. Um fator favorável à mecanização da colheita na região são as características topográficas, visto que a área cultivada se enquadra no perfil necessário para este tipo de colheita.

Tendo em vista a análise desses dados algumas considerações podem ser feitas acerca do estágio atual de mecanização na região. Tem-se aproximadamente 60% da área cultivada mecanizada, e indica-se um avanço de maneira rápida, alcançando num futuro próximo o seu teto, lembrando que por algumas características do terreno, a mecanização total não é possível podendo atingir um teto de aproximadamente 95%, mantendo o restante com corte manual. O perfil do trabalhador aponta para a baixa escolaridade e qualificação profissional. Com a exclusão destes postos de trabalho, ainda que se saiba que o trabalho no corte de cana é bastante insalubre, fica a constante problematização sobre possíveis encaminhamentos para o desemprego gerado. Observa-se, ainda, a inexistência, até o momento, alguma forma de atuação do Estado, bem como de políticas públicas, que visem equacionar ou minimizar este problema, que se torna ainda mais preocupante, frente ao contexto de desemprego estrutural vivido na sociedade atual. A grande quantidade de mão de obra excedente diminui os salários e traz um crescimento ainda maior dos trabalhos informais. Acentuam-se, assim, a exclusão social e concentração de renda.